

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Quarta-feira, 14 de agosto de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

JAI ME DE SÉQUIER

Ha quarenta e tantos annos viera despachado escrivão e tabellião para Barcellos o sr. Carlos Augusto Séguier, habitando a casa onde hoje reside o sr. Luiz Vieira de Souza Coutinho.

Era o sr. Séguier um cavalheiro intelligente e de excellentes dotes de coração, que com sua esposa e filhos, quatro meninas e o Arthur, um adolescente, viviam na intimidade das principaes familias de Barcellos pela sua educação aprimorada e pelas relações de amizade e pa-



Jaime de Séguier, actualmente

rentesco com o grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio e o dr. Antonio do Rego Faria Barbosa.

Foi, pois, na antiga rua Direita, e na casa acima indicada, que nasceu Jaime de Séguier a 25 de março de 1860.

Criança inte rressantissima que á todos enlevava pela sua candura e meiguice, mais interessante se tornava á proporção que n'elle se ia desenvolvendo o seu notavel talento, que mais tarde o havia de fazer salientar, como litterato e como funcionario.

D'uma rigidez de caracter que o distingue desde os seus primeiros annos, d'uma affabilidade incomparavel e dispondo d'uma franqueza d'alma pouco vulgar, estas qualidades lhe teem attraído a sincera admiração e verdadeira amizade de quantos teem tido a fortuna de o conhecer.

Como litterato reunia um volume, *Adagios e Allegros*, publicado aos 18 annos, reunião de trabalhos poeticos espalhados por diversos jornaes litterarios onde collaborara, e ainda hoje essas formosas poesias são lidas e recitadas nas salas, como as de melhor bom gosto e correção litteraria.

A *Morte de Abreu*, *A Elegia de Camões* —e tantas outras producções do seu talento— faziam honra a laureados e notaveis poetas, embora escriptos por uma creança.

As suas correspondencias litterarias para o diario do Rio de Janeiro, «O Jornal do Commercio», das quaes existe já um volume, *A Feira de Paris*, teem chamado sobre o nosso biographo a attenção dos seus numerosos admiradores, pela proficiencia e fino criterio com que ahí são tratados os variadissimos e mais importantes assumptos.

Como funcionario tem sido encarregado pelo governo portuguez de commissões importantes, sendo as mais recentes a do Brazil, Rio da Prata e a de Bruxellas, no congresso vinicola, das quaes se desempenhou tão brilhantemente que ninguem regateou louvores, aliás merecidissimos, aos seus tão conscienciosos como esclarecidos relatorios.

Saltar da poesia amenissima que cultivou sempre com distincção, para a prosa rude mas correcta dos relatorios consulares, foi para elle empreza facil.

Bastou-lhe comprehender que d'esse modo, a sua intelligencia prestava ao paiz maior serviço, e assim, a breve trecho, conseguiu tornar-se notavel entre os outros consules, e indispensavel a sua opinião em assumptos vinicolas a que, de preferencia se tem dedicado, conseguindo tornar-se notavel entre os que ha muitos annos estudam a especialidade e sobre ella tem escripto.

A sua tendencia desde ta mais tenra idade para o jornalismo, impedira-o de concluir uma formatura como era vontade de sua familia e principalmente de seu avô affim, o notavel jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, um dos seus mais dedicados amigos e extremo admirador do seu precioso talento.

Mas nem porisso as letras patrias deixaram de ter n'elle um dos seus mais vehementes colaboradores.

Se «A Lagrima» rejubila hoje ao prestar esta singela homenagem ao distinctissimo barcel-

lense tão elevado pelo seu talento e character, não tem menos empenho em apontar Jayme de Séguier como o prototypo do funcionario zeloso e prestante, dirigindo e aconselhando nos seus relatorios, pelo que nos toca, a agricultura e o commercio.



Jayme de Séguier, segundo uma caricatura de Bordalo Pinheiro, de 1882

Do consulado de Bordeus, onde permanece actualmente, tem prestado importantes, serviços á nossa exportação de vinhos.

Façam como Jayme de Séguier todos os funcionarios portuguezes e o resurgimento da Patria não se faria esperar.

A Famalicão

São dadas quatro horas da tarde que nós, junto ao tradicional carvalho da ponte, por sabbado penultimo, escalamos com denodo dois carros que nos transportaram em direcção a Famalicão.

Imensos nimbos de poeira nos cercam, que o vagaroso tropel dos cavallos levanta e que o sol ardente doira. Seria bonito se não fora incommodo e porco!

A Tuna Barcelense acompanhou por obsequio um grupo dramático, em *tournee* recreativa. Retine um pandeiro, que faria as delicias d'uma filha de Triana manuseado por *el chulo* predilecto. O Soucasaux esganica a chula n'um enorme sacrificio de garganta e com infinito pasmo dos pacificos alleãos.

Chegamos á Izabellinha; e ali somos cavalheirosamente recebidos por um piquete de bombeiros em carro especial da Associação dos Voluntarios, e uma victoria conduzindo os nossos dedicados patrios e amigos Antonio F. de Mello, ayme Vallongo e Joaquim d'Oliveira, e que

eram precedidos por uma troupe de cyclistas, todos constituindo a fina rapaziada de Famalicão.

E' levantado um viva aos Voluntarios que nos é immediatamente retribuido. Trocam-se effusivos cumprimentos e a convite do nosso amigo Joaquim d'Oliveira dirigimo'-nos a sua casa, onde a titulo de refrigerio, nos são servidos magnificos copos com vinho.

«Alá! que se faz tarde!»

Rolamos todos juntos. Um vento impertinente a peneirar pó, enxovalha-nos a roupa.

For esta altura, ouve-se o Juca dizer-se conhecido da estrada: «isto é de F., aquilo de G., conheço isto como os meus dedos.» Nós ouviamos com religiosa admiração, aquellas magnificas demonstrações de conhecimento.

Alguem lhe pergunta: «então quantos kilometros faltam ainda parachegarmos?»

Com o seu olhar penetrante, percorre os campos proximos e responde confiadamente: «faltam oito ou nove kilometros»

O nosso cocheiro é que não está pelos autos e corta a duvida por o meio. Claro que nosso amigo só se tinha enganado em metade.

Finalmente chegamos a Famalicão. Apeiamos nos em frente á Associação dos Bombeiros Voluntarios, corporação bem organizada, que honra os seus dirigentes, e depois, após curto intervallo, a Tuna Barcelense executou dous trechos do seu repertorio.

Foi-nos gentilmente servido doce e vinho fino, do qual nos servimos profundamente lisongeados pela exquisita amabilidade do nosso amigo Antonio Mello, que em tudo se nos mostrou attencioso e incansavel.

D'alí para o theatre.

Quasi cheio. Os camarotes repletos. A companhia exhibia a engraçadissima comedia «Moços e velhos», sendo muito palmeada.

A Tuna, nos diversos intervallos, fez-se ouvir com geral agrado e cortezia, sendo todavia especializado o nosso amigo Domingos Carreira, a quem foi offerecido um formosissimo *bouquet* de flores naturaes, com a seguinte dedicatória «A' Tuna Barcelense».

Fechou o espectáculo o nosso collega-director Augusto Soucasaux, recitando com propriedade e muita graça o monologo «Terrivel»; e, a pedido, algumas imitações, nas quaes se houve com a competencia e agrado que de ha muito lhe reconhecemos. Foi-lhe offerecido um lindissimo *bouquet*, testemunho ao seu apreço.

Entim, uma noite cheia que a recordação, no decorrer do tempo, nos virá fazer uma visita de saudade.

O nosso bom amigo José Caldas deu a nota alegre, que elle sabe fazer sobresahir com naturalidade, escrevendo um cartão que, por seu espirito original, nos fez rir a bandeiras des-

A LAGRIMA

pregadas. Com a devida venia e antecipadamente pedindo desculpa, trazemos para aqui a sua transcrição:

CONVITE—Um desgraçadinho que fez muito fraca figura com a pandeirata, pede que logo á sahida se toque, para mostrar aos famalicenses que não é coto.

Findo o espectáculo fomos ceiar. A' sobre-mesa foram levantados brindes ao nosso dis.incto amigo Antonio Mello, Jayme Vallongo, corporação de Bombeiros Voluntarios, dr. Souza Mendes, povo de Famalicão, sendo correspondidos com o mais sincero enthusiasmo.

Eis-nos de volta.

O nosso amigo Manuel Esteves, dentro do carro, tem cuidados infinitos com o seu «porquinho», o companheiro desvelado em suas exhibições musicaes.

Outros, dormem suavemente ao delectoso balancear do carro, que os embala atravez as visões d'amores possiveis que lhes inebriam a alma.

Cinco horas depois, quanto levou a chegar a Barcellos, pouco mais ou menos, bebíamos soffregos, no café Matios, uns salutaes e beneficos copos de leite.

E, d'ahi a nada, manhã e sol alto, tudo *fazia meia noite.*

Um melhoramento

Precisa-se muito n'uma residencia particular d'uma sentina *moderna*, mas necessita-se mais n'um edificio publico, onde se agglomera muita gente, e quando esse edificio se chama hospital essa necessidade torna-se de urgencia immediata.

¿Pois se um dos requisitos da boa saude é o ar, como pôde havel-o bom, sendo a sentina *bysantina*?...

Isso se dava no nosso hospital. A primeira impressão que tinha o visitante ao dar ingresso nos corredores que servem as enfermarias, era a do mau cumprimento que lhe fazia á pituitaria a exhalação fetida das latrinas.

Acabou hoje essa atrasadóra e... archeologica—porcaria.

A Mesa da Misericordia—por iniciativa do seu illustrado provedor—mandou construir um dos typos de sentina mais perfeitos que conhecemos. Bem ventilada e assyphoada, possuindo um desvio d'agua abundantissimo e uma fossa—quanto ao ponto em que construída—que satisfaz os mais exigentes.

Foi uma medida—desmedidamente boa!

Theatro

O José Pedro e Antonio Nogueira, o primeiro, actor e o segundo, ponto, fazem saber aos

habitantes d'esta villa que realisam domingo o seu beneficio, com a «Gaspar o Serralheiro».

Por não saberem lêr, assignam a rogo um do outro este edital:—José Pedro por Antonio Nogueira e Antonio Nogueira por José Pedro.

TEUS OLHOS

.....
Vejo-os e torno-os a vêr
Cada vez com mais amor!
Canz. pap.

Eu que amo a liberdade—a luz do pensamento!
O aroma que se evola, o ar que se respira,
A vastidão do mar, a rapidez do vento,
A immensidade azul que se impõe e se admira;

Eu, que amo tudo quanto é grande como Deus,
Vou rojar-me a teus pés e ser o teu amante
E confessar que nada iguala os olhos teus!
Basta, p'ra ver o Ceu, fital-os um instante!.

Palpitam docemente os irmãosinhos bellos,
Pois têm a luz do amor, meia luz d'alvorada,
Meia luz d'um altar, virgem dos meus anhelos!
Oai que não mentem, não! São olhos d'uma falala!

Dois gêmeos sem equal, que vivem a sorrir,
São dois beijos de luz, duas almas n'um ser,
Dois segredos do Ceu que eu não sei definir,
Duas fontes d'amor onde eu quero beber!.

13-8-900.

Arnaldo Braz.

Album da «Lagrima»

Um coração a suar com este calor que se tem experimentado ultimamente, procurou o gôlo da escripta e obrou essa belleza que ahí fica, que offerecemos ás nossas lindissimas leitoras, as quaes melhormente a imitarã) que as consultas do «Conselheiro dos Amantes».

Ahí vae a preciosidade (fechem os olhos):

«Vai carta aventurada,
Vêr o a môr da firmeza!...
Que me parece o sol e a lua,
E toda a sua delieadeza!...»

Meu unjo encantador fallas são mana que estão caindo do Senhor, não posso por mais tempo ceerportar este sentimento que me dequelaro a alinar: e o amor: o amor e um dos sentimentos que leva uma pessoa a ceerpultura mas se não fosse u amor mão abia nada. Mas eu amo a apaixonadamente e se isto que eu eserebo o fendo eu quelbarei-me a todo o rigor da pena. qua recebi a tua estimada cartinha donde me bôo dar menta allegria e munta allgria e munta prazer, nella bi o teu a mor çingero e uma

A LAGRIMA

mor celestial poro como o dom Ango pois eu ate não posso biver por mais tempo na eluzão que tento sustentar mas tu meu Ango não duvidas das minhas cenceriadas; por que se eu o coubera não to dedicaria a minha a mizade;

Meu Ango

penso e tenho pensado que não a pessoa mais do meu agrado çois pessoa de toda a cimpatia quando eistou a vosa veira estou coia toda alegria: a Deus meu querido bem eu amo só a ti não amo a mais a nigum. Meu Ango mandame dizer se bem a feira da vila ou não que eu quero saver a tempo com esto não te enfado mais».

*

Nós aqui o dissemos e aqui o repetimos. A influencia d'este quizenario é tão grande nas sopeiras como nos marçanos, como em todo o mundo sub-lunar.

Rara é ahí, mesmo, a peixoira, que n'um desabafo de desaffronta, não exclame a toda a força dos pulmões: «Vaes p'r'a «Lagrina», mê raio,» nem que isso equivallesse a ir p'r'a Cadeia.

Se assim fosse, nós punhamos desde já á disposição do sr. dr. Couceiro, as columnas d'esta *folheta*.

Mas, como iamoz dizendo, nós (que temos illustrado muita gente, n'esta villa) somos notavel na influencia que produzimos sobre qualquer *bicho carêta*.

Já, até, os caixeiros sem gravata escrevem «photografiavura».

Como vêem, os nossos leitores, ha em Barcellos só duas cousas importantes:—a «Lagrina» e a Avenida do Cemiterio!..

A carta que segue e foi endereçada por alguns marçanos a um javem da nossa mais fina sociedade, faz proclamar aos quatro ventos que o fim associativo se nem sempre produz optimos fructos, produz, ao menos, essa *diarrheia de bacoradus*:

«Exm.^o Sr.—A direcção da Associação de Beneficencia Barcelense vem solicitar a S. Ex.^a o seguinte:

Sendo lembrados uma commissão de Rapazes Barcelenses para levantarem uma Associação de Beneficencia Barcelense, estes quefende per certo meio que a Ex.^{ma} Sr.^a D. Viscondessa *** fosse socia onoraria para ver se com esse grau de sociaecia qualquer esmola a esta agremiação falta-lhes pois um qualquer recurso o que é o diploma, e sabendo esta direcção que Sua Ex.^a tinha um aparelho proprio para tirar photogravuras vinha solicitar a Sua Ex.^a o distincto obsequio para tambem em obsequio d'esta associação tirar 2 ou 3 cartões no tamanho que Sua Ex.^a quizesse e com o desenho que S. Ex.^a tambem quizer.

A direcção Administradôra, (aqui seguem nomes que occultamos, para evitar assim que os patrões dos marçanos não lhes deitem as calças abaixo sem prejuizo da moral e lhes carreguem no hemispherio carnudo com as córdas do bacallau ou com o côvado de castanho).

Por coherencia!

Um collega nosso nota que a arborisação publica não soffreu este anno a *póda* costumada, em Barcellos, e verbera isso, que qualifica de desleixo.

Com o devido respeito.

Tendo nós—por suggestão do sr. dr. Luiz de Novaes (que sempre se enthusiasma fallando de melhoramentos d'esta terra)—feito campanha contra essa innatural *operação* e tendo conseguido ser ouvidos, primeiro pelo dr. Monteiro e ultimamente pelo sr. dr. Ferraz, é justo quanto á nossa *linha*, que sejamos coherentes approvando, mais uma vez, essa innovação em Barcellos,—já velha em citales amoveis e civilisadas.

Não tem justificação possivel a *póda* das arvores, nomeadamente em largos, pois é um attentado á *force armada* contra a propria natureza!

Deixem-se crescer as arvores em pleno desembaraço; não se mutilem.

Isto em nome do bom gosto!

Noticias Diversas

E' falso o que diz a «Vida Nova», que o Praia, n'um hotel de Vianna do Castello, lavou a cara n'um *bidi* muito usado.

* Um *brazileiro* de Viados, hospedado n'um hotel cá da localidade, tomou banho em agua de Ninães, por lhe dizerem que era muito saboroso e muito leve.

* O Zé de Fio foi ao piovarado. Mandaram-n'o segurar um saeo á embocadura d'uma saída d'agua, da casa do Tanque. «Piovarado ao saeo, faltam tres p'ra quatro». N'esta altura soltaram uma agua, represa la para esse fim, e ao mesmo tempo que, em catadupa, a agua caia de tal fórma sobre o corpo do Zé, com tal força, que seria capaz de mover a roda da azenha grande do Lapuz, os companheiros promotores da patuseada, diziam: «Não tires o saeo do sitio, que o piovarado entra agora.»

Nem um peilero lhe ficou enxuto. . .

* Na reunião operaria de segunda-feira, Antonio Araujo, como auctoridade, pediu a palavra ao sr. presidente para abrir as janellas. Aplaudido unanimemente. Que differença, nas outras terras—Porto e Lisboa—a auctoridade não falla e, demais, para bem, mas *ba'e*.

Pedimos licença ao amigo Araujo para lhe dizer que não ha nada que chogue ao Minho!

* Perdeu a razão do uso o sr. Marcos Emilio Candido de Carvalho.